



O papel social das bibliotecas municipais portuguesas: um levantamento dos serviços direcionados para doentes de Alzheimer

Ana Lúcia Terra^a, Paulo Vicente^b

^aUniversidade de Coimbra, CEIS 20 – Centro de Estudos Interdisciplinares, Portugal, anatterra@fl.uc.pt

^bUniversidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Portugal, pvicente@student.uc.pt

Resumo

Partindo da constatação da prevalência que a doença de Alzheimer apresenta atualmente, em especial nos países ocidentais, este trabalho destina-se a sublinhar o papel positivo que as bibliotecas públicas municipais podem ter nas suas comunidades para apoiar estes doentes e os seus familiares. Para o efeito, será apresentada uma revisão da literatura sobre as bibliotecas e o apoio a doentes de Alzheimer. De seguida, é descrito um estudo em curso para fazer um levantamento sobre a disponibilização de serviços orientados para pessoas com doença de Alzheimer e para os seus cuidadores em bibliotecas públicas municipais, em Portugal. É detalhada a metodologia, bem como os objetivos do estudo. Os resultados reforçam que as bibliotecas públicas, no contexto português, devem ter um papel social ativo junto de quem lida, direta ou indiretamente, com a doença de Alzheimer. Apesar de ser considerado que as instalações das instituições em estudo estão adequadas a estes utilizadores, a escassez de formação profissional sobre a temática é vincada, o que poderá ser um obstáculo ao desenvolvimento de serviços direcionados a esta comunidade. Os recursos informacionais disponibilizados centram-se na exploração do tema e não na colmatação das necessidades informacionais, culturais e sociais particulares e efetivas destes utilizadores.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer, serviços bibliotecários, Portugal, bibliotecas públicas.

Introdução

Em 2012, a Organização Mundial de Saúde reconheceu a doença de Alzheimer como uma prioridade para a saúde pública mundial, instando os governos, e as comunidades em geral, para que investissem na implementação e coordenação de ações sustentáveis em diferentes âmbitos e para que promovessem planos e estratégias nacionais de apoio às pessoas com demência e seus cuidadores (World Health Organization & Alzheimer's Disease International, 2012).

Em Portugal, existem 303 bibliotecas públicas municipais, no total dos 308 municípios do país. Assim, as bibliotecas públicas, enquanto serviço de proximidade das populações, podem participar na conceção e implementação de estratégias e projetos destinados ao apoio e à inclusão nas suas comunidades dos doentes de Alzheimer e dos seus cuidadores, tal como já acontece noutros países, por exemplo no Canadá e na Nova Zelândia (Baker et al., 2018; Dai et al., 2021).

Esta pesquisa situa-se na linha do que Howarth (2020) identificou como «dementia friendly memory institutions», ou seja, bibliotecas, arquivos, museus e galerias de arte que concebem espaços, programas e serviços capazes de melhorar a vida quotidiana das pessoas que sofrem da doença de Alzheimer. As bibliotecas podem contribuir para reduzir o isolamento social dos doentes de Alzheimer e dos seus

cuidadores e/ou seus familiares, promovendo a sua qualidade de vida.

A comunidade bibliotecária é sensível a esta problemática há já algumas décadas, tendo sido publicado pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), em 2007, as *Guidelines for library services to persons with dementia* (Mortensen & Nielsen, 2007). Esta preocupação também se tem materializado em alguns projetos de pesquisa (Faletar Tanacković et al., 2021) e publicações (Dickey, 2020b), mas, em Portugal, o assunto não parece ter ainda uma grande visibilidade. Com este trabalho, pretendemos apresentar os resultados de um estudo exploratório sobre a disponibilização de serviços orientados para pessoas com doença de Alzheimer e para os seus cuidadores (formais e informais) por parte das bibliotecas públicas municipais portuguesas.

Enquadramento teórico

O estigma associado à doença de Alzheimer pode conduzir tanto quem sofre desta doença quanto os seus cuidadores, sobretudo informais, ao isolamento e à solidão. No entanto, estas pessoas desejam continuar a estar integradas nas suas comunidades locais e a sentir-se protegidas, apreciadas e acolhidas (Bagnall, 2021).

Na verdade, o estímulo social é conhecido por robustecer a saúde do cérebro e retardar a progressão da doença de Alzheimer e de demais demências (Dickey, 2020a), pelo que o isolamento social destas pessoas é, profundamente, contraproducente.

Além da interação social, também o estímulo mental potencia a resiliência cerebral e reduz o agravamento deste tipo de demência, e, como sublinha Dickey (2020a), estas duas terapêuticas preventivas de natureza não farmacológica, para uma patologia que, atualmente, ainda não tem cura, constituem, naturalmente, missões fulcrais dos serviços das bibliotecas. Porém, o autor comenta que a educação superior e a formação profissional na área da Ciência da Informação não têm preparado os bibliotecários para este tipo de utilizadores, cujo número tem, globalmente, aumentado. No seguimento da sua sucinta reflexão crítica, sugere e minudencia um conjunto de orientações, agrupadas em quatro áreas intrínsecas à prática bibliotecária (i. serviço de apoio ao utilizador; ii. serviços de referência; iii. desenvolvimento da coleção; iv. programação), que, no seu entendimento, terão a faculdade de munir os estudantes e atuais ou futuros bibliotecários de competências para melhor servirem os utilizadores com doença de Alzheimer e os seus cuidadores informais.

No caso do serviço de apoio ao utilizador, Dickey (2020a) releva o papel das competências comunicacionais, uma vez que, comumente, estes utilizadores têm dificuldades em usar a linguagem oral, pelo que, *e.g.*, o recurso a gestos pode ser uma ajuda crucial no momento da comunicação. Por seu turno, no que concerne aos serviços de referência, a tónica é posta no fomento da literacia em saúde. Já o desenvolvimento da coleção deverá ir ao encontro das necessidades informacionais não só dos utilizadores com doença de Alzheimer mas também dos seus cuidadores, formais e informais, incidindo em recursos adequados a leitura partilhada e a sessões em grupo de estímulo social e cognitivo, com recurso, *e.g.*, a *kits* de reminiscência, *i.e.*, conjuntos de objetos que promovem conversas e que podem, inclusive, despertar memórias em pessoas com demência. Por último, no que tange à programação, o autor acentua que deverá haver uma aposta em eventos que promovam a interação social e, em simultâneo, que robusteçam a conexão à cultura, estimulando a criatividade e a neuroplasticidade, *e.g.*, através de atividades musicais.

Charbonneau e Rathnam (2020) centram o seu estudo em torno de um destes programas direcionados a utilizadores com doença de Alzheimer e aos seus cuidadores: os *Memory Cafés*. Os *Memory Cafés* visam, primariamente, criar oportunidades de socialização que melhorem o estado de saúde e o bem-

estar dos participantes, cujo eventual diagnóstico de demência pode ficar anónimo durante a atividade, estando assegurados de que todos os intervenientes estão consciencializados dos desafios, comportamentos e limitações atinentes à doença de Alzheimer.

As autoras usam, então, a biblioteca pública de Shrewsbury, no estado norte-americano de Massachusetts, como estudo de caso e discutem alguns aspetos a ter em consideração no desenvolvimento de *Memory Cafés* em bibliotecas públicas, começando pela identificação da necessidade, a construção de redes de contacto e de trabalho com pessoas singulares e coletivas especializadas em doentes com demência, formação profissional para os bibliotecários, planeamento orçamental e oportunidades de financiamento, estratégia de difusão e de canais de comunicação, logística e, ainda, a avaliação final do programa sociocultural. Charbonneau e Rathnam (2020) frisam o papel preponderante que os *Memory Cafés* podem ter na manutenção do bem-estar dos utilizadores com doença de Alzheimer e dos seus cuidadores, pois «attendees to the Memory Cafés reported being cheerful and happy when they left the library» (p. 310), e que estes programas representam, indubitavelmente, uma oportunidade para as bibliotecas públicas irem ao encontro de uma comunidade isolada e frugalmente servida por estas instituições de memória.

No caso dos cuidadores informais, a participação em *Memory Cafés*, ou em outros eventos de natureza idêntica dinamizados por bibliotecas públicas, pode, também, ser, substancialmente, proveitosa, pois possibilita o contacto com demais cuidadores e a partilha recíproca de experiências e de informação prática. Como elucidam Scaffi e Hargreaves (2022), quem cuida de pessoas com demência «particularly value the information and advice provided by other caregivers» (p. 302).

O potencial das bibliotecas públicas, enquanto espaços seguros, solidários, inclusivos e acolhedores para pessoas com doença de Alzheimer e seus cuidadores, é, igualmente, explorado, e corroborado, por Bagnall (2021). No seu estudo, que se debruça sobre o modo como as bibliotecas públicas australianas contribuem para comunidades «*dementia friendly*», a autora demonstra que os serviços e o ambiente proporcionados beneficiam os utilizadores que têm demência e os seus cuidadores, pois, coletivamente, fomentam o desenvolvimento pessoal e melhoram o bem-estar individual, robustecendo, em simultâneo, o capital social (na assunção sociológica do conceito), a literacia da informação dos cidadãos e os sentimentos de união e de inclusão no seio das comunidades locais. Todavia, a autora comenta uma manifesta ausência de planeamento estratégico no desenvolvimento de tais serviços, sublinhando a inexistência de políticas de desenvolvimento da coleção e, inclusive, de (sub)coleções direcionadas a pessoas com doença de Alzheimer e aos seus cuidadores formais e informais. Não obstante a presença transversal de programas concernentes à temática nas bibliotecas públicas australianas, observa-se uma prevalência de eventos sobre o tema, em detrimento de atividades direcionadas, especificamente, a este grupo de utilizadores e a responder às suas necessidades informacionais e sociais.

Os estudos são unânimes em múltiplos aspetos: na parca inclusão e visibilidade dos utilizadores com doença de Alzheimer e demais tipos de demência, e seus cuidadores, sobretudo informais; na necessidade de se erigirem e estruturarem práticas bibliotecárias direcionadas a melhor servir esta comunidade de utilizadores; nos múltiplos benefícios das bibliotecas públicas para estas pessoas, tal como no papel, não só informacional e cultural mas também, e mormente, social, destas instituições de memória na vida de quem vê diluídas as suas próprias lembranças e memórias.

Método

Em termos de objetivo geral, este trabalho pretende verificar em que medida as bibliotecas públicas municipais portuguesas estão preparadas e disponíveis para se tornarem (ou se já são) instituições

acolhedoras para as pessoas com demência, em particular para doentes de Alzheimer, oferecendo espaços e serviços adequados às especificidades deste grupo de potenciais utilizadores. De modo a concretizar este objetivo geral, estabeleceram-se dois objetivos específicos. O primeiro objetivo específico destina-se a caracterizar a perceção dos bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas públicas municipais portuguesas face à possibilidade de as instituições que dirigem prestarem serviços bibliotecários a pessoas com a doença de Alzheimer, ou outro tipo de demência, e/ou aos seus cuidadores (formais e informais). Em termos de objetivos específicos, pretende-se ainda aferir o grau de consciência dos bibliotecários face à doença de Alzheimer, correlacionando-o com a abertura para a prestação de serviços bibliotecários dirigidos a este grupo em específico.

De acordo com os dados disponibilizados pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), em janeiro de 2023, a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) integrava 247 bibliotecas, havendo um total de 303 bibliotecas públicas municipais em Portugal¹. Usando os dados disponibilizados pela DGLAB, enviou-se uma mensagem de correio eletrónico para todos os responsáveis das 303 bibliotecas públicas municipais portuguesas, com um inquérito por questionário. O envio realizou-se nos dias 4, 5 e 6 de janeiro de 2023, tendo sido enviada, novamente, uma mensagem nos dias 20 e 23 do mesmo mês, com o intuito de se reforçar junto dos responsáveis das instituições o pedido de colaboração. Aceitaram-se submissões de respostas até ao dia 14 de fevereiro de 2023. Foram obtidas 111 respostas completas e válidas para análise, o que representa uma taxa de adesão de 36,6% das instituições inquiridas, as 303 bibliotecas públicas municipais de Portugal.

O questionário foi construído com base no instrumento de recolha de dados desenhado pelas autoras Faletar Tanacković et al. (2021), com recurso ao *Google Forms*, sendo constituído por um total de 23 perguntas, das quais 19 de resposta fechada e 4 de resposta aberta. O questionário foi estruturado em duas secções, a primeira destinada a recolher dados específicos sobre a prestação de serviços especializados dedicados a pessoas com demência, em especial com a doença de Alzheimer, e a segunda relativa a dados de caracterização geral da biblioteca municipal e do respondente que preencheu o questionário. As perguntas do questionário podem ser, assim, agrupadas em cinco grandes categorias:

1. a identificação do contexto de inserção da biblioteca municipal, do ponto de vista geográfico (Q13), no que concerne à existência de organizações cívicas de apoio a pessoas com demência (Q1), e relativamente à cooperação da biblioteca com outras instituições para dinamizar programas e serviços direcionados a pessoas com demência e seus familiares (Q8);
2. serviços proporcionados pela biblioteca municipal a pessoas com demência, incluindo benefícios específicos no uso dos serviços bibliotecários (Q2), existência de materiais específicos relacionados com demência ou para utilizadores com este tipo de patologia (Q5), realização de atividades alinhadas com as necessidades destes utilizadores (Q6 e Q7) e disponibilização de serviços para pessoas com demência (Q9);
3. capacidade de adaptação e sensibilidade para os utilizadores com demência, com perguntas relativas à formação dos funcionários para trabalhar com pessoas com demência (Q3), ao grau de adequação do espaço da biblioteca a pessoas com demência (Q4), à perceção sobre as razões que dificultam a organização de serviços de biblioteca para pessoas com demência (Q10) e à perceção sobre a relação entre bibliotecas e demência (Q11);
4. caracterização da biblioteca em termos do número de colaboradores (Q14) e de utilizadores (Q15);
5. caracterização do respondente, incluindo dados biográficos (Q16 e Q17), experiência profissional (Q18) e cargo que ocupa na biblioteca (Q19), além do receio face às doenças (Q20),

da vivência com doentes de Alzheimer (Q21) e do conhecimento relativamente ao que é a doença de Alzheimer (Q22).

Adicionalmente a estas perguntas, o questionário incluía ainda duas questões abertas para deixar comentários ou fornecer o endereço eletrónico para contacto numa fase posterior desta pesquisa.

Nesta apresentação e análise preliminar dos resultados do questionário, iremos focar a nossa atenção nos aspetos relativos aos serviços proporcionados pela biblioteca municipal a pessoas com demência e à capacidade de adaptação e sensibilidade para os utilizadores com demência.

Resultados

No que respeita à sensibilização para o acolhimento de doentes com Alzheimer, destaca-se o facto de 84% das bibliotecas da amostra referirem que os colaboradores não receberam formação relacionada com o trabalho com pessoas com demência [Tabela 1]. Assim, apenas 15,3% referem terem colaboradores com formação, os quais maioritariamente participaram em conferências sobre a temática, apontando para formações muito curtas. As indicações recebidas por quem escolheu a opção “Outra” referem existir um colaborador terapeuta ocupacional e o facto, talvez discutível de se enquadrar nesta resposta, de colaboradores terem familiares com esta doença.

Tabela 1: Formação especializada dos colaboradores da biblioteca para lidarem com doentes de Alzheimer (Q3)

	n.	%
a. não sei	1	1%
b. não	93	84%
c. sim, participam em conferências sobre o tema	8	7%
d. sim, acompanham a literatura especializada sobre o assunto	5	5%
e. sim, são membros de alguma iniciativa de apoio a pessoas com demência	2	2%
f. Outra	3	3%

Um dos aspetos que condiciona, em primeira linha, o acesso dos doentes de Alzheimer às bibliotecas municipais é a adequação do espaço às suas necessidades específicas, incluindo a estabilidade da disposição desse espaço, não haver barreiras físicas que dificultem a circulação no seu interior ou o acesso pelo exterior, a existência de sinalética facilmente compreensível bem como a adequação da luminosidade. A pergunta 4 procurou recolher dados sobre estes aspetos, solicitando que os respondentes classificassem várias características relativas à adaptação do espaço da biblioteca usando uma escala de Likert (1 – nada adaptado a 5 – totalmente adaptado).

Tabela 2: Adequação do espaço da biblioteca a doentes com Alzheimer (Q4)

	1	2	3	4	5
a. o espaço da biblioteca não muda frequentemente	8,1%	9,9%	23,4%	24,3%	34,2%
b. no espaço da biblioteca, os/as utilizadores/as podem circular facilmente (circulação fácil)	0,9%	4,5%	9,9%	37,8%	46,8%
c. o espaço da biblioteca está bem e claramente marcado (bom contraste de cores e fundos nas etiquetas, letras em negrito, etc.)	6,3%	17,1%	36,9%	22,5%	17,1%

	1	2	3	4	5
d. a entrada da biblioteca é visível, sem obstáculos e sem grandes superfícies envidraçadas/refletoras	10,8%	20,7%	34,2%	23,4%	10,8%
e. as passagens (por exemplo, entre prateleiras e salas individuais) são suficientemente largas e não há nada nelas que possa dificultar os movimentos	1,8%	11,7%	16,2%	35,1%	35,1%
f. o espaço da biblioteca é bem iluminado	0,9%	2,7%	18,0%	34,2%	44,1%
g. os pavimentos da biblioteca não são nem brilhantes nem escorregadios	0,0%	5,4%	25,2%	37,8%	31,5%
h. os níveis de ruído são limitados no espaço do utilizador	5,4%	7,2%	31,5%	36,0%	19,8%
i. há uma casa de banho de família ou neutra em termos de género na biblioteca (onde os/as cuidadores/as podem entrar juntamente com um/a utilizador/a com demência)	34,2%	9,0%	7,2%	11,7%	37,8%

Conforme os dados apresentados na Tabela 2, verifica-se que os respondentes consideram que os espaços das suas bibliotecas apresentam um grau de adaptação às necessidades dos doentes de Alzheimer bastante satisfatório. De facto, a média dos valores registados na escala de Likert varia entre 3,03 (a entrada da biblioteca é visível, sem obstáculos e sem grandes superfícies envidraçadas) e 4,25 (no espaço da biblioteca circula-se facilmente). Assim, quase metade indica no grau mais elevado que é fácil circular no espaço da biblioteca. Este entendimento é reforçado pelo facto de mais de 70% entenderem que as passagens entre o mobiliário da biblioteca ou na transição de sala não dificultam os movimentos no interior do edifício, critério que registou uma média de 3,90 na escala de Likert. Há ainda 78% dos respondentes que consideram que o espaço da biblioteca tem uma iluminação muito adequada ou totalmente adequada aos utilizadores com doença de Alzheimer, critério que regista uma média de 4,18 na escala de Likert. Esta deslocação também é favorecida pelo facto de 69,3% entenderem que os pavimentos da biblioteca não são nem brilhantes nem escorregadios, aspeto que regista um valor médio de 3,95. Ao contrário, a entrada no edifício parece ser mais difícil para um número significativo, já que 31,5% entendem que a sua biblioteca tem uma entrada nada adaptada ou pouco adaptada. O segundo critério em que as bibliotecas evidenciam menos adaptação é o da existência de uma casa de banho onde os doentes possam entrar acompanhados, já que 34,2% escolhem a opção nada adaptada e, na média de Likert, o critério atinge o valor de 3,10.

Para conhecer as perceções dos respondentes quanto à relação entre bibliotecas e demência, foi-lhes solicitado que identificassem o seu grau de concordância relativamente a 11 afirmações sobre esta matéria, usando uma escala de Likert (1 – discordo totalmente a 5 – concordo totalmente), conforme os dados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Perceções sobre a relação entre bibliotecas e demência (Q11)

	1	2	3	4	5
a. embora as bibliotecas públicas devam satisfazer as necessidades e os interesses de todos os membros nas suas comunidades, na prática, isto é impossível e têm de escolher grupos de serviços prioritários na sua comunidade	33,3%	11,7%	22,5%	20,7%	11,7%

	1	2	3	4	5
b. as pessoas com demência (principalmente as que se encontram nas fases inicial e intermédia da doença, cujas capacidades intelectuais não são significativamente prejudicadas) têm o direito de aceder a materiais e serviços de biblioteca adequados	0,9%	0,0%	8,1%	7,2%	83,8%
c. as pessoas com demência (principalmente as que se encontram nas fases inicial e intermédia da doença, cujas capacidades intelectuais não são significativamente prejudicadas), na minha biblioteca, têm acesso a materiais e serviços de biblioteca adequados	7,2%	24,3%	38,7%	16,2%	13,5%
d. serviços de biblioteca de qualidade podem contribuir para elevar a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares	0,9%	0,9%	9,9%	20,7%	67,6%
e. os/as bibliotecários/as devem ser sensibilizados/as durante a sua formação académica para a importância dos serviços da biblioteca para as pessoas com demência e para os seus familiares	0,9%	0,9%	9,9%	23,4%	64,9%
f. os/as bibliotecários/as devem estar familiarizados/as com informações sobre demência e formas básicas de comunicar com as pessoas com demência	0,9%	0,0%	11,7%	29,7%	57,7%
g. os/as bibliotecários/as devem ter acesso a um desenvolvimento profissional contínuo de qualidade no campo dos serviços de biblioteca para pessoas com demência	0,9%	0,0%	18,9%	27,9%	52,3%
h. as bibliotecas devem contribuir para a sensibilização do público sobre a demência	1,8%	0,9%	6,3%	26,1%	64,9%
i. as bibliotecas devem contribuir para a construção de uma comunidade amiga da demência (cidade, vila, aldeia)	1,8%	0,9%	9,0%	19,8%	68,5%
j. há muito poucas pessoas com demência na comunidade para que a biblioteca possa organizar coleções e serviços especificamente para elas	18,0%	18,0%	37,8%	13,5%	12,6%
k. os financiadores das bibliotecas públicas (municípios) devem utilizar fundos públicos para encorajar as bibliotecas públicas a prestar serviços às pessoas com demência e/ou aos seus familiares	1,8%	0,9%	18,0%	35,1%	44,1%

A esmagadora maioria (83,8%) dos respondentes concorda totalmente com a ideia de que as pessoas com demência têm o direito de aceder a materiais e serviços de biblioteca adequados. Esta sensibilização para a satisfação das necessidades dos doentes com demência é reforçada pelo facto de 67,6% também concordarem totalmente que os serviços de biblioteca podem contribuir para melhorar a qualidade de vida destas pessoas e dos seus familiares. Adicionalmente, uma parte substancial dos respondentes (68,5%) também concorda totalmente que as bibliotecas têm um papel a desempenhar na construção de comunidades amigas da demência e com o facto de a biblioteca poder contribuir para a sensibilização do público sobre a demência (64,9%). A importância de a formação académica incluir tópicos relacionados com a adequação dos serviços bibliotecários à especificidade dos utilizadores com demência registou uma média de 4,50 na escala de Likert. Posicionamento que é consentâneo com o facto de 52,3% concordarem totalmente que os bibliotecários devem ter acesso a formação profissional de qualidade nestas matérias. Esta preocupação também está alinhada com o facto de 57,7% considerarem que os bibliotecários devem estar familiarizados com informações sobre demência e

formas básicas de comunicar com as pessoas com demência. Apesar deste alinhamento positivo entre bibliotecas e demência, na prática, apenas 13,5% das bibliotecas indicaram concordar plenamente com a afirmação segundo a qual disponibilizavam o acesso a materiais e serviços adequados a estes utilizadores. Esta realidade poderá relacionar-se com a falta de meios financeiros para o efeito, mas apenas 44,1% dos respondentes concordam totalmente com o facto de os financiadores das bibliotecas as encorajarem a utilizarem fundos públicos para prestarem serviços a pessoas com demência e seus familiares.

No conjunto de perguntas destinadas a verificar os serviços proporcionados pela biblioteca municipal a pessoas com demência, foi incluída uma questão para verificar com mais detalhe os tipos de materiais que as bibliotecas disponibilizam neste âmbito. Assim, foi solicitado às bibliotecas respondentes que, numa lista com oito opções, identificassem os tipos de recursos específicos que disponibilizavam aos seus utilizadores. Era também possível indicar não ter materiais desta índole [Tabela 4].

Tabela 4: Disponibilização de materiais relativos à demência ou adequados a doentes de Alzheimer e seus cuidadores (Q5)

	n.	%
a. nós não temos material deste tipo	35	31,5%
b. material de ficção adaptado linguística e visualmente a pessoas com demência (como os livros Marlena, em inglês)	1	0,9%
c. materiais para leitura em voz alta	24	21,6%
d. material ricamente ilustrado (por exemplo, sobre temas como animais, flores, carros antigos, biografias de pessoas famosas), mas que não se destina preferencialmente a crianças	43	38,7%
e. material de ficção para adultos sobre o tema da demência (por exemplo, <i>O meu nome é Alice</i> , de Lisa Genova)	50	45,0%
f. livros ilustrados sobre demência para crianças	28	25,2%
g. literatura especializada e generalista sobre demência (para prestadores/as de cuidados e para o público em geral)	56	50,5%
h. literatura profissional para prestadores/as de cuidados de pessoas com demência (por exemplo, sobre apoio psicológico, sugestões para passar tempo de qualidade)	28	25,2%
i. material não livro destinado a pessoas com demência (por exemplo, fotografias, brinquedos sensoriais, jogos de tabuleiro, puzzles, objetos tridimensionais que encorajam a conversa, recordação/memória)	34	30,6%

No elenco apresentado, verifica-se que a maior parte dos materiais é inexistente na maioria das bibliotecas, exceto no caso da literatura especializada e generalista sobre demência selecionada por 50,5% das bibliotecas. Por outro lado, perto de um terço das bibliotecas refere que não tem este tipo de material. Obras de ficção para adultos sobre o tema da demência, como, por exemplo, *O meu nome é Alice*, existem em 45% das bibliotecas da amostra, mas material de ficção adaptado linguística e visualmente a pessoas com demência apresenta uma percentagem residual. Já material não livro destinado a pessoas com demência, como por exemplo, fotografias, brinquedos sensoriais, jogos de

tabuleiro, puzzles, objetos tridimensionais que encorajam a conversa, recordação/memória, existe em 30,6% das bibliotecas e materiais para leitura em voz alta em 21,6% das bibliotecas.

Para identificar os serviços proporcionados pela biblioteca municipal a pessoas com demência, foi também criada uma pergunta onde os respondentes podiam selecionar as atividades, programas e serviços especificamente destinados a este tipo de público [Tabela 5].

Tabela 5: Oferta de atividades, programas e serviços para pessoas com demência e seus familiares (Q6)

	n.	%
a. não oferecemos programas específicos para este grupo de utilizadores, nem pensamos fazê-lo	24	21,6%
b. não oferecemos programas específicos para este grupo de utilizadores, mas estamos a pensar fazê-lo	44	39,6%
c. reuniões individuais/aconselhamento para escolher material para leitura com a ajuda de profissionais habilitados/as. para encontrar a informação necessária. etc.	8	7,2%
d. celebração do Dia Mundial da Doença de Alzheimer e/ou do Mês Mundial da Doença de Alzheimer.	11	9,9%
e. criação de exposições ocasionais sobre o tema da demência	15	13,5%
f. distribuição de materiais promocionais e/ou informativos gratuitos (brochuras) sobre demência	8	7,2%
g. referência a fontes online úteis sobre demência	8	7,2%
h. entrega ao domicílio de materiais da biblioteca	21	18,9%
i. cedência de espaços na biblioteca para uso de associações, instituições e indivíduos para eventos relacionados com a demência	27	24,3%
j. organização de atividades / programas de leitura (leitura em voz alta, etc.) especificamente para pessoas com demência e os seus familiares	19	17,1%
k. organização de oficinas criativas (música, arte, etc.) especificamente para pessoas com demência e os seus familiares	6	5,4%
l. organização de atividades sociais e recreativas (jogos, conversa, socialização) especificamente para pessoas com demência e os seus familiares	10	9,0%
m. organização de atividades de informação e educação (ex. palestras) especificamente para pessoas com demência e os seus familiares	5	4,5%
n. organização de programas e atividades (palestras, workshops, apresentações de livros, etc.) com o objetivo de sensibilizar a população em geral para a demência	14	12,6%
o. Outra	7	6,3%

Mais de metade das bibliotecas refere que não oferece programas específicos para doentes com demência, ainda que, deste conjunto, 39,6% indiquem que estão a pensar fazê-lo. Das restantes opções, apenas cinco registam percentagens acima dos 10%, sendo de sublinhar que a opção com o valor mais elevado (24,3%) se refere à cedência de espaços pelas bibliotecas a entidades externas para a realização de eventos, não sendo, portanto, uma atividade diretamente dinamizada pela biblioteca. Como dinâmicas

promovidas diretamente pelas bibliotecas, destaca-se a entrega ao domicílio dos utilizadores de materiais (18,9%) e a organização de atividades de leitura, como a leitura em voz alta, especificamente para pessoas com demência e seus familiares (17,1%), bem como a organização de iniciativas de sensibilização da população em geral para a demência (12,6%). Todas as restantes opções representam escolhas de menos de 10% da amostra, sendo pouco representativas em termos de ofertas específicas para doentes com demência e seus familiares.

Discussão

Em linha com os estudos de Bagnall (2021), Charbonneau e Rathnam (2020) e Faletar Tanacković et al. (2021), os resultados acentuam que as bibliotecas públicas devem, de facto, ter um papel social ativo na vida das pessoas com doença de Alzheimer e na dos seus cuidadores. Todavia, tal missão pode estar a ser obstaculizada pela quase ausente formação profissional direcionada a capacitar a comunidade bibliotecária portuguesa a construir e/ou a adaptar serviços direcionados, especialmente, a utilizadores com demência, panorama análogo no que concerne ao contexto croata (Faletar Tanacković et al., 2021), e que, como sugere Dickey (2020a), transpõe as fronteiras nacionais, pois tal lacuna é transversal à esfera internacional.

Tal como tornado claro por Bagnall (2021), constata-se, similarmente, uma parca gestão estratégica no desenvolvimento de serviços, sobretudo de coleções, para pessoas com doença de Alzheimer e seus cuidadores, sendo notório um foco em recursos informacionais sobre a temática, em detrimento de recursos e de serviços destinados, especificamente, a utilizadores com demência, aspeto que Bagnall (2021) também comenta no seu estudo, no caso dos eventos promovidos pelas bibliotecas públicas que observa.

As instalações das instituições estarem, na perceção dos respondentes, substancialmente, adequadas às necessidades dos utilizadores em causa, realidade não tão satisfatória no estudo de Faletar Tanacković et al. (2021), robustece o facto de que, para as bibliotecas públicas melhor servirem as suas comunidades locais e os seus membros que lidam, direta ou indiretamente, com a doença de Alzheimer, a tónica deverá ser posta na preparação dos atuais e futuros bibliotecários (Dickey, 2020a), assim como na alocação de recursos/meios para a criação e/ou reestruturação de serviços e aquisição de recursos informacionais destinados, particularmente, a doentes com doença de Alzheimer e aos seus cuidadores, e que colmatem, efetivamente, as suas necessidades tanto informacionais e culturais quanto sociais.

Conclusões

Este trabalho procurou traçar um quadro geral sobre a preparação das bibliotecas públicas municipais para reinventarem os seus serviços, equipamentos e infraestruturas de modo a acolherem e satisfazerem as necessidades informacionais específicas dos doentes de Alzheimer e dos seus cuidadores (formais ou informais). Procurou-se, assim, dar destaque ao papel social das bibliotecas públicas municipais portuguesas, verificando as práticas existentes e enquadrando-as em experiências internacionais, de acordo com a revisão da literatura apresentada.

Referências bibliográficas

Bagnall, K. (2021). An exploration of public libraries as dementia friendly places. *Journal of Health Information and Libraries Australasia*, 2(2), 28–53. <https://doi.org/10.55999/johila.v2i2.68>

Baker, A., Rimkeit, B. S., & Claridge, G. (2018). Promoting dementia-friendly libraries: setting up book groups to encourage reading and community inclusiveness for people living with dementia. *New Zealand Library & Information Management Journal*, 57(1), 4–10. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.6453104>

Charbonneau, D. H. & Rathnam, P. (2020). Memory Cafés and dementia-friendly libraries: management considerations for developing inclusive library programs. *Journal of Library Administration*, 60(3), 308–315. <https://doi.org/10.1080/01930826.2020.1727282>

Dai, J., Bartlett, J. C., & Moffatt, K. (2021). Library services enriching community engagement for dementia care: the Tales & Travels program at a Canadian public library as a case study. *Journal of Librarianship and Information Science*, 1–14. <https://doi.org/10.1177/09610006211065170>

Dickey, T. J. (2020a). Alzheimer's, dementia, and LIS: educating for service to the forgotten patrons. In H. C. Gunderman (Ed.), *Proceedings of the Association for Library and Information Science Education Annual Conference: ALISE 2020* (pp. 140–148). The Association for Library and Information Science Education (ALISE). <https://hdl.handle.net/2142/108854>

Dickey, T. J. (2020b). *Library dementia services: How to meet the needs of the Alzheimer's community*. Emerald Publishing. <https://doi.org/10.1108/9781838676919>

Faletar Tanacković, S., Petr Balog, K., & Erdelez, S. (2021). How can libraries support dementia friendly communities? The study into perceptions and experiences of Croatian public librarians. *Education for Information*, 37(4), 525–543. <https://doi.org/10.3233/EFI-211560>

Howarth, L. C. (2020). Dementia Friendly Memory Institutions: Designing a Future for Remembering. *International Journal of Information, Diversity and Inclusion*, 4(1), 20–41. <https://doi.org/10.33137/ijidi.v4i1.32529>

Mortensen, H. A. & Nielsen, G. S. (2007). *Guidelines for library services to persons with dementia*. International Federation of Library Associations and Institutions. <https://repository.ifla.org/handle/123456789/586>

Sbaffi, L. & Hargreaves, S. (2022). The information trust formation process for informal caregivers of people with dementia: a qualitative study. *Journal of Documentation*, 78(2), 302–319. <https://doi.org/10.1108/JD-01-2021-0014>

World Health Organization & Alzheimer's Disease International. (2012). *Dementia: a public health priority*. <https://www.who.int/publications/i/item/dementia-a-public-health-priority>

Notas

¹<http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/Bibliotecas/ContactosRBNP/Paginas/default.aspx> [Acedido 05.02.2023].